

Editorial 2015

foi um ano de grande comemoração para a Universidade Federal do Amazonas – Ufam - e para toda a História da Medicina no Estado do Amazonas. Neste ano, se comemorou os 50 anos de criação do Hospital Universitário Getúlio Vargas – HUGV e da Faculdade de Medicina da Ufam.

Para registrar esse momento de júbilo, reproduzimos aqui as palavras do Prof. Dr. Marcos Barros, ex-reitor da Ufam, ex-diretor do HUGV e professor da Faculdade de Medicina para a palestra magna da abertura da 8ª Jornada de Saúde da Amazônia Ocidental. Na ocasião, apesar de não ter comparecido pessoalmente ao evento, devido a problemas de saúde, brindou a todos com esse memorial que retrata o seu compromisso histórico com a Ufam e o HUGV, onde ele retrata a alegria de ter participado de todas as etapas da criação deste.

“Desde meados da década de 60, quando surge o Hospital Estadual Getúlio Vargas, fruto de um projeto do Governo do Estado. Construído em terreno onde havia, lembro bem, um campo de pelada, no Boulevard com a Apurinã, atrás do Grupo Escolar Plácido Serrano, hoje Biblioteca Central da Ufam. Dezesesseis anos depois, no início da década de 80, eu e muitos amigos e colegas aqui presentes, estávamos lá, quando foi transformado em Hospital Universitário. Todo esse processo foi fruto de intensa movimentação estudantil que já almejava, desde a criação da Faculdade de Medicina, também na década de sessenta, uma estrutura apropriada para o desenvolvimento das práticas de ensino.

Foram anos de intensa mobilização, quando o Brasil vivia sob um regime de exceção e tais mobilizações eram proibidas. Foi muita audácia ter conseguido, àquela época, por meio de eleições, que aquele hospital estadual passasse a ser dirigido por servidores da Universidade.

O passo seguinte foi a doação de toda a estrutura, tanto física quanto de pessoal, para a Universidade do Amazonas.

Transformar aquela sucateada estrutura física em um Hospital de referência para a assistência e para o ensino foi então a tarefa mais difícil, que coube à Universidade. O primeiro desafio foi administrar o pessoal da Secretaria de Saúde, cujo salário era menor que o da Universidade, mas a compreensão do pessoal da Secretaria foi um fato memorável e digno do maior respeito.

O passo seguinte foi conseguir quinhentas vagas em regime de excepcionalidade, pelo Governo Federal (MEC), que foram preenchidas com a realização do primeiro concurso público do hospital, em diferentes níveis. Foi desse momento em diante, que o antigo hospital estadual passou a chamar-se Hospital Universitário Getúlio Vargas – HUGV e

transformou-se no Centro de Referência em Cirurgia Ortopédica e Traumatologia Neurológica, para a Amazônia Ocidental.

Hoje, após trinta e quatro anos como hospital universitário, além de ter formado tantas gerações em nível de graduação, pós-graduação e constituir-se parte importante do Sistema Único de Saúde na assistência à população regional, produz expressivo conhecimento científico e chama para si a necessidade de inovar seus processos de desenvolvimento em saúde.

O desenvolvimento da Amazônia Ocidental em muito dependerá da inovação que os serviços de saúde já demandam.

Reflexões e estudos atuais apontam que “atividades inovadoras no setor saúde caracterizam-se por uma forte interação com o setor científico. Por um lado, a infraestrutura científica é origem de um fluxo de informações e apoia o surgimento de inovações que afetam a prática médica e a saúde: em linhas gerais novos medicamentos, novos equipamentos, novos procedimentos clínicos, novas medidas profiláticas e novas informações. Por outro, a prática médica e a atuação do setor saúde, em geral, são origens de um fluxo de informações inverso e constitui-se em um enorme e crescente repositório de questões, achados empíricos e práticas bem-sucedidas que precisam ser explicadas e compreendidas.”

Sabe-se que há casos em que o avanço científico determina a prática médica e há também exemplos em que a prática médica e de atuação de outras áreas da saúde descobre, de forma empírica, tratamento para algumas doenças, por mecanismos posteriormente compreendidos.

O hospital universitário se constitui em ambiente ideal para o aprofundamento da pesquisa, do desenvolvimento e da inovação em saúde. Hospitais e centros médicos acadêmicos têm posição chave na implementação, difusão e melhorias incrementais de inovações. Trabalhos publicados sobre o tema destacam como a inovação médica é crescentemente dependente de pesquisas interdisciplinares. Foi aqui, no HUGV, que novos processos importantes e fundamentais para a região foram criados e implantados, como exemplo, o hoje consolidado Hemocentro do Amazonas/ Hemoam e a Fundação de Medicina Tropical do Amazonas/FMT-HVD, ambos considerados instituições de excelência.

Hoje, como parte integrante do Sistema Nacional de Inovação em Saúde, os hospitais universitários são chamados à incrementar as atividades de pesquisa e inovação de forma convergente com os demais órgãos do sistema. O objetivo é assegurar seu efeito indutor e direcionar o esforço governamental em torno de medidas concretas, que reflitam na prática o desenvolvimento tecnológico e a inovação, no país. É o que propõe a Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares - Ebserh, da qual o HUGV é parte. Estudos apontam também que o Complexo Econômico Industrial da Saúde representa 10% do PIB, ocupa o 8% Mercado Mundial e emprega 10% dos trabalhadores qualificados do país e representa 35% do esforço nacional em Pesquisa e Desenvolvimento (P&D), área de maior esforço de inovação.

Em vista disso, fica uma pergunta. Qual o percentual que a Amazônia Ocidental representa nesse quadro? Acredito que essa seja uma boa pergunta a qual todos nós, da Amazônia, deveríamos nos esforçar para responder, porque a política de saúde para a Amazônia deve distinguir-se de todas as outras regiões brasileiras, pelos motivos que todos nós conhecemos, como clima, densidade demográfica e uma aparente homogeneidade geográfico espacial, que abriga grande diversidade étnica, cultural e biológica.

Entretanto, as “diferentes” Amazônias não se constituem obstáculos às ações sincronizadas de suas partes, na formulação de políticas que procurem buscar soluções para os grandes desafios dessa região continental.

O fim último de todos os danos ambientais, ou não, sobre o homem, tem como resultado, a doença. Assim, evitar que tais danos ocorram, ou repará-los, deve ser o foco prioritário de todos os estudiosos e profissionais da saúde comprometidos com o desenvolvimento da Amazônia e de seus povos.

Parabenizo nosso querido HUGV, que neste aniversário comemora meio século de muito trabalho, propondo mais trabalho, saúde e inovação.

Um abraço fraterno e saudoso,

Marcus Barros

Hospital AC Camargo, São Paulo, 23 de setembro de 2015.”